

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS**

**IZABELLA BARREIRO STEFANI**

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E POSSÍVEIS  
CONFLITOS SOCIAIS EM SALA DE AULA**

Alfenas, MG  
2023

**IZABELLA BARREIRO STEFANI**

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E POSSÍVEIS  
CONFLITOS SOCIAIS EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Graduação de Letras da Universidade Federal de Alfenas/MG para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras-português. Orientador: Prof. Dr. Celso Ferrarezi Junior.

Alfenas, MG  
2023

**IZABELLA BARREIRO STEFANI**

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E POSSÍVEIS CONFLITOS SOCIAIS EM SALA DE AULA.**

A banca examinadora abaixo-assinada, aprova a Monografia apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de licenciatura em Letras-Português da Universidade Federal de Alfnas.

Aprovada em: \_\_\_\_\_

Profº. Dr. Celso Ferrarezi Jr.

Instituição: Universidade Federal de Alfnas – UNIFAL-MG

Profº. Dr. Eloésio Paulo

Instituição: Universidade Federal de Alfnas – UNIFAL-MG

Profª. Dr. Fernanda Santinelli

Instituição: Universidade Federal de Alfnas – UNIFAL-MG

*A língua é como um rio que se renova, enquanto a gramática normativa é como a água do igapó, que envelhece, não gera vida nova a não ser que venham as inundações.*

(BAGNO, 2004, P.10)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que me sustentou, por mais que tudo parecia desabar, Ele não me deixou em nenhum momento e me fez suportar todas as dificuldades para chegarmos até aqui.

Aos meus pais, que não me desampararam em nenhum momento e se esforçaram para que eu conseguisse suportar a distância e viagens de idas e vindas.

Aos mestres, que me fizeram e me fazem acreditar na melhoria da educação e na minha capacidade de exercer tal função. Vocês foram fundamentais para que eu não desistisse em nenhum momento.

Aos meus amigos, que fizeram os dias mais leves, mais tranquilos, que nos momentos de angústia e alegria, vocês estavam lá.

E a todos que estiveram comigo e passaram por esses momentos durante quatro longos anos, que não foram fáceis, mas alegres e inesquecíveis.

Ao meu orientador, coordenador e professor Celso Ferrarezi, agradeço de todo o meu coração a ajuda, os conselhos e ensinamentos durante esses anos, o incentivo e sua dedicação me fizeram concretizar esse trabalho.

## **Resumo**

O presente trabalho visa a uma reflexão sobre o preconceito linguístico, sua definição e possíveis conflitos em sala de aula, apontando a importância da língua materna e da identidade cultural do indivíduo. A presente monografia está dividida em apresentar a importância das línguas naturais em nossa formação cognitiva e em nossa identidade cultural, apresentando, depois, possíveis definições para o preconceito linguístico e tratando de seus efeitos na vida das pessoas e, por fim, trata do preconceito linguístico nas escolas, da importância de o professor identificá-lo, trabalha-lo em sala de aula e a necessidade de combatê-lo.

**Palavras-chave:** Preconceito linguístico; Língua natural; Sala de aula;

## **Abstract**

The present work aims to reflect on linguistic prejudice, its definition and possible conflicts in the classroom, highlighting the importance of the individual's mother tongue and cultural identity. This monograph is divided into presenting the importance of natural languages in our cognitive formation and our cultural identity, then presenting possible definitions for linguistic prejudice and dealing with its effects on people's lives and, finally, it deals with linguistic prejudice in schools, the importance of the teacher identifying it, working on it in the classroom and the need to combat it.

**Keywords:** Linguistic prejudice; Natural language; Classroom;

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2. A METODOLOGIA DO TRABALHO</b> .....	11
<b>3. AS LÍNGUAS NATURAIS</b> .....	13
3.1 O QUE É UMA LÍNGUA NATURAL .....	13
3.1.1 O PROCESSO EVOLUTIVO DAS LÍNGUAS NATURAIS .....	13
3.2 O QUE É UMA LÍNGUA MATERNA .....	15
3.2.1 A LÍNGUA MATERNA E NOSSA FORMAÇÃO COGNITIVA .....	16
3.2.2 A LÍNGUA MATERNA E NOSSA IDENTIDADE .....	18
<b>4. O PRECONCEITO LINGUÍSTICO</b> .....	20
4.1 CONCEITOS DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO .....	20
4.2 EFEITOS DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA VIDA DAS PESSOAS .....	21
4.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO COMO UMA MARCA DO COMPORTAMENTO BRASILEIRO .....	21
<b>5. O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR</b> .....	26
5.1 AS LEIS E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO .....	26
5.2 A OCORRÊNCIA DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS ESCOLAS E A NECESSIDADE DE COMBATÊ-LO .....	27
5.3 PREJUÍZOS DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ESCOLA .....	29
5.4 O COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM AMBIENTE ESCOLAR ...	30
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	34



## 1 INTRODUÇÃO

Esta monografia aborda as possíveis dificuldades de relacionamento social enfrentadas entre professores e alunos em sala de aula em casos de manifestação de preconceito linguístico por parte de algum membro dessa microcomunidade de fala. A gramática ensinada em sala de aula no Brasil, no geral, ainda é a gramática normativa, aquela que prescreve regras e admite apenas uma forma “correta” da língua portuguesa, inclusive, na dimensão oral. Por isso, se observam, com grande frequência, alunos com dificuldades de aprendizado, que não absorvem o conteúdo por não se identificarem com a linguagem da escola e/ou com a matéria proposta.

Com base nos estudos sobre o preconceito linguístico e suas ocorrências em sala de aula, este trabalho visa a analisar as consequências diretas que o ensino prescritivo pode desencadear, entre elas, a estigmatização dos usuários da língua que não se apropriam da variante de prestígio. Sendo assim, o que fazer se houver manifestações de preconceito linguístico em sala? Como agir e como tratar a questão?

Dessa forma, procedemos a uma análise tendo como base a questão do preconceito linguístico em sala de aula, propondo, em relação ao ensino tradicionalmente praticado no Brasil, novas construções curriculares e metodológicas para a educação básica, de forma que seja possível respeitar, pelo menos no ambiente escolar, a diversidade linguística existente em nosso país e evitar conflitos sociais no ambiente da escolarização formal.

A proposta de desenvolvimento do presente trabalho de pesquisa se baseia em uma visão científica em relação ao ensino da língua portuguesa, valorizando todas as variedades linguísticas. Reconhecendo que a língua falada pela maioria dos brasileiros não passa de variedades da forma de prestígio do português, porém, nem por isso inferiores, cremos que é necessário alterar a visão de que existiria apenas uma forma “correta” de português, apenas um modo válido de falar. Essa mudança na visão objetiva da língua possibilitaria mudanças curriculares, metodológicas e de relacionamento dentro da sala de aula o que, cremos, justifica a monografia.

Para alcançar nosso objetivo, a monografia está dividida em cinco seções. Nesta primeira, pudemos ver o tema, o objetivo e a justificativa da pesquisa. Na segunda, apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa. A partir da terceira seção, iremos apresentar as bases conceituais do estudo e, nela, ainda falaremos sobre as línguas naturais, língua materna, variantes linguísticas, aprendizado cognitivo e sua evolução. Na quarta, se discorre sobre o conceito e os efeitos do preconceito linguístico. Na quinta parte, complementaremos o tema do

preconceito linguístico, mas dentro da sala de aula, suas ocorrências e a necessidade de combatê-lo. Por fim, apresenta-se a conclusão da monografia.

## 2 - A METODOLOGIA DO TRABALHO

A definição de uma pesquisa como quantitativa ou qualitativa vai depender das pretensões que o autor deseja atingir. Por exemplo, quando há necessidade de trazer dados numéricos a abordagem deve ser quantitativa; qualitativa é uma abordagem que permite de estabelecer conhecimentos mais por juízo de valor, de maneira mais subjetiva, do que por meio de dados objetivos. Seus dados são predominantemente descritivos, compreendendo o objeto onde ele efetivamente ocorre. Segundo Minayo (1999), na abordagem qualitativa não iremos encontrar a verdade como “certo” ou “errado”. Primeiramente, devemos ter uma compreensão da lógica que permeia a prática que se dá na realidade. Com base nesses pressupostos, este trabalho analisa a informação bibliográfica de maneira qualitativa.

Pradanov e Freitas (2013) criaram um quadro com objetivo de comparar ambos os tipos de pesquisa e em cujo conteúdo nos baseamos para nossa pesquisa.

**IMAGEM 1**

Ponto de Comparação	Pesquisa Qualitativa	Pesquisa Quantitativa
Foco da pesquisa	Qualidade (natureza e essência)	Quantidade (quantos, quanto)
Raízes filosóficas	Fenomenologia, interação simbólica	Positivismo, empiricismo, lógico
Frases associadas	Trabalho de campo, etnografia, naturalismo, subjetivismo	Experimental, empírico, estatístico
Metas de investigação	Entendimento, descrição, descoberta, generalização, hipótese	Predição, controle, descrição, confirmação, teste de hipótese
Ambiente	Natural, familiar	Artificial, não-natural
Amostra	Pequena, não-representativa	Grande, ampla
Coleta de dados	Pesquisador como principal instrumento (entrevista, observação)	Instrumentos manipulados (escala, teste, questionário etc.)
Modo de análise	Indutivo (pelo pesquisador)	Dedutivo (pelo método estatístico)

**Fonte: Prodanov e Freitas (2013)**

Nosso referencial teórico, aqui apresentado, é baseado em Bagno, especialmente em seus livros “Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro” e “Nada na língua é

por acaso”. Esse autor mostra vários exemplos de preconceito linguístico em apostilas e outros documentos escolares que visam a ensinar ao aluno o que é “certo” ou “errado”. Autores como Paulo Freire e Stella Maris Bortoloni-Ricardo também foram utilizados como fonte de pesquisa.

O trabalho foi desenvolvido por considerarmos que existe uma necessidade de atualização do método de ensino em sala de aula de educação básica no Brasil, para que não ocorram mais as, infelizmente, tão comuns manifestações de preconceito linguístico. É fundamental que a escola e os professores entendam que, ao escolher um método de ensino mais atualizado e com fundamentação científica coerente, fundamentado em práticas pedagógicas modernas e democráticas, e visando ao sucesso escolar dos estudantes, eles criam um compromisso contra a discriminação e as desigualdades sociais. Afinal, não podemos esquecer que a educação tem função de promover a equidade social, preparando o indivíduo para o mercado de trabalho e o convívio em sociedade, direito assegurado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, ou Lei Federal 9.394, de 20 de novembro de 1996:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

... § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Para demonstrar isso, foi realizada uma seleção inicial de material bibliográfico concernente ao tema, material este que foi lido, qualitativamente avaliado e fichado. Na sequência, houve um cruzamento do conteúdo desse material já devidamente preparado, de maneira a podermos construir a linha de raciocínio que permeia este trabalho escrito, o qual foi produzido, logo depois, concluindo o processo de pesquisa.

### 3 AS LÍNGUAS NATURAIS

#### 3.1. O QUE É UMA LÍNGUA NATURAL

Para dar início a um estudo sobre preconceito linguístico, precisamos entender o conceito e a importância das línguas naturais. Língua Natural é a forma sistemática, ou seja, estruturada e hierarquizada, de linguagem que se desenvolve espontaneamente dentro de uma comunidade de forma não intencional. Toda língua natural é socializada (ou seja, um produto de construção coletiva) culturalmente determinada (isto é, depende da visão de mundo de quem a fala) (Cf. Ferrarezi, 2010). Frequentemente usada para a comunicação, uma língua natural funciona como uma forma de representação de mundos e de seus eventos.

Do ponto de vista estrutural, a teoria mais aceita sobre a linguagem é do linguista norte-americano Noam-Chomsky, segundo a qual “a linguagem é um conjunto de sentenças, cada uma das quais é finita em escopo e consiste em um conjunto finito de elementos”. Chomsky e seus adeptos sempre visaram à descoberta de uma suposta gramática universal, comum a todas as línguas. Seu estudo é de muita importância para entendermos sua função e o processo da linguagem.

Porém, neste trabalho, nossa preocupação não é estruturalista, mas sociolinguística. Ou seja, não visamos a uma descrição estrutural da língua, por exemplo, de sua fonologia ou sintaxe. Aqui, nos preocupamos com o escopo social da linguagem e com o processo evolutivo que se desenvolve em todas as línguas naturais e que é responsável pelo surgimento de *variações linguísticas*. Variações linguísticas são formas diferenciadas de uma *língua de base* que surgem no processo sócio-evolutivo das línguas naturais em função de peculiaridades dos falantes, como idade, classe social, nível de escolaridade, isolamento geográfico, características próprias do trabalho e da existência em geral, visão de mundo etc.

Todas as línguas conhecidas no mundo, sejam vivas ou mortas, possuem variações linguísticas. Logo, a existência de variações e seu inevitável surgimento e qualquer língua são fatos naturais ligados à relação entre o ser humano e a(s) língua(s) natural(is) por ele adotada(s).

##### 3.1.1 O PROCESSO EVOLUTIVO DAS LÍNGUAS NATURAIS

Estudos filológicos, especialmente de Paleolinguística russa, propõem que houve cerca de doze línguas humanas originárias, que teriam surgido de forma parcialmente concomitante em diferentes comunidades humanas dispersas pelo mundo.

No caso do português brasileiro, o mais longe que conseguimos chegar com a metodologia histórico-comparativa é a cerca de 6 mil anos, em que se hipotetiza a existência de uma “língua-mãe” chamada proto-indo-europeu. As descobertas científicas apontam para o fato de que essa protolíngua (uma protolíngua não é sempre uma língua real, falada por uma população definida, mas, na maioria das vezes, uma língua hipotética da qual se imagina terem surgido outras línguas) teria dado origem ao indo-europeu que, por sua vez, originou seis línguas que se fundiram no surgimento do latim (cf. Huber, 1933). Ainda segundo Huber, 1933) o latim, no processo de expansão territorial do império romano, se misturou ao céltico e deu origem ao português arcaico. O espanhol seria resultante da mistura entre o latim e o ibero, e assim por diante para todas as chamadas *línguas neolatinas*, ou seja, as línguas naturais resultantes da mistura entre o latim e a língua dos habitantes de cada localidade militarmente conquistada pelos romanos.

O português arcaico evolui por cerca de mil anos até chegar ao Brasil, já com um formato que podemos chamar de “moderno”. Essa língua portuguesa que hoje identificamos como “português imperial” ou “português da coroa”, foi profundamente modificada em Portugal no período da revolução burguesa, mas foi preservada no Brasil como “patrimônio nacional”, embora seja a língua dos colonizadores originais.

No Brasil, o português imperial se misturou a cerca de duzentas línguas indígenas locais de nações regionalmente majoritárias e quase duzentas línguas africanas trazidas ao país “dentro” dos escravos aqui comercializados, oriundos das duas principais regiões da África (as que, hoje, equivalem, aproximadamente, ao Sudão e à Angola). Além disso, especialmente nos séculos XIX e XX, o Brasil recebeu grande massa de imigrantes asiáticos, médio-orientais e europeus, o que enriqueceu ainda mais o idioma local.

Mas como é possível surgirem tantos idiomas? Ou, ainda, como essas línguas se misturam e evoluem? Com passar do tempo, com o próprio desenvolvimento social, econômico e tecnológico, as comunidades vão desenvolvendo hábitos e formam seus próprios falares. Com ciclos migratórios e com guerras (que geram opressão militar e/ou econômica de um povo sobre outro), as pessoas desenvolvem contatos sociais em que as línguas de cada comunidade envolvida acabam por se misturar, podendo originar uma nova língua (como foi o caso já narrado das línguas neolatinas).

Assim, também acontece regionalmente: cada comunidade acaba por adquirir sua própria crença, seus próprios hábitos, por desenvolver suas próprias características ao longo do tempo, se diferenciando nos fatores sociais, históricos, culturais etc., o que acaba por

desenvolver novas palavras e, muitas vezes, até novas formas de pronúncia. No caso do Brasil, país cuja sociedade é constituída por diferentes etnias, é natural que as variações linguísticas surjam em grande quantidade. Por exemplo, da influência de línguas africadas, surgem os gerúndios sem “d”, como “andano”, “correno”, “falano”. Outro exemplo é a influência de línguas indígenas em certas regiões, que resultaram na troca o “l” por “r”, como em “sarto”, “arto” e “iguar”. Por sua vez, da enorme influência asiática no interior agrícola do país, a líquida palatal longa do brasileiro imperial é substituída pelo *tepe consonantal* em certos encontros consonantais, como em “pranta”, “bicicreta” e “atreta”. Nada mais do que um processo natural de evolução linguística em um país com linguagem tão rica. Afinal, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan), hoje em dia, temos cerca 250 línguas faladas no Brasil. Aproximadamente, 180 vêm de comunidades indígenas.

### 3.2. O QUE É UMA LÍNGUA MATERNA

A língua materna não é apenas o primeiro idioma (inclusive, pode ser mais de um) aprendido por uma pessoa, mas é aquele de maior influência biológica no falante. Desenvolvida nos primeiros anos de vida pela interação com pessoas do convívio familiar, a língua materna (ou as línguas maternas, em alguns casos) é responsável por dois processos biológicos importantíssimos que marcarão a vida do falante por toda sua existência:

a. criação das redes neurológicas de base – todo aprendizado humano está baseado na necessidade de criação de redes neurológicas de base em seu cérebro. Essas redes neurológicas começam a ser criadas a partir do sexto mês de gestação, quando o aparelho auditivo do feto é concluído e a criança já começa a escutar a melodia da voz da mãe. Depois do nascimento até cerca de cinco anos e meio, o aprendizado da língua materna cria ligações entre os neurônios nos dois hemisférios cerebrais, o que estabelece um conjunto de redes neuronais que permitirão à criança todas as formas de aprendizado que ela terá até sua morte. Essas redes só se formam na primeira infância, não havendo possibilidade de formação posterior. Portanto, na ausência de uma língua materna nessa fase, essas redes não se formarão e a pessoa estará condenada ao animalismo típico, por exemplo, de crianças ferais;

b. conformação do aparelho fonador – toda língua materna exige uma conformação milimétrica do aparelho fonador para sua produção. E como essa conformação demanda uma atuação automática da musculatura, é a língua materna que acaba por estabelecer os movimentos que o aparelho fonador memorizará e os limites de sua movimentação (por

exemplo, os limites de movimentação da língua e dos lábios na fonação). Por volta dos cinco anos, esse sistema neuromuscular já estará “cristalizado” e qualquer modificação demandará anos de treinamento com acompanhamento especializado como, por exemplo, com um profissional da Fonoaudiologia. É por essa razão, por exemplo, que pessoas cujo aparelho fonador não foi conformado com consoantes líquidas palatais longas não conseguem pronunciar palavras como “Atlântico” e falam “Atrântico”. Isso decorre do fato biológico de que a variante linguística que lhe serviu como língua materna não possui o movimento necessário para a pronúncia do “tl”. Não é uma questão de gosto, nível de escolaridade ou de inteligência: é uma questão biológica.

Além desses fatores biológicos, nossa língua materna (ou línguas maternas) cria em nós raízes maternas de cultura. É por meio dela que nos comunicamos, pensamos, criamos e vivemos. Podemos dizer que ela é quase um sinônimo da nossa *identidade cultural*. As línguas maternas são tão importantes para os seres humanos que o dia 21 de fevereiro foi definido para a celebração do Dia Internacional da Língua Materna, criado em 1999 pela UNESCO, valorizando e promovendo a diversidade linguística presente em todo o mundo.

### 3.2.1. A LÍNGUA MATERNA E NOSSA FORMAÇÃO COGNITIVA

Cognição diz respeito a manutenção, recuperação, aquisição e uso de conhecimento. A língua materna, como já vimos, é adquirida durante a infância. Esse processo é definitivo para o estabelecimento da cognição e da fonação de uma pessoa, como vimos superficialmente. Agora, compreenderemos esse processo um pouco mais a fundo.

Quando uma criança nasce, seu cérebro não está pronto nem do ponto de vista da massa nem do ponto de vista funcional. Isso não significa que o cérebro do recém-nascido é uma massa amorfa e disfuncional. Pelo contrário: está devidamente organizado para as funções iniciais, com ligações prontas para ir direcionando as atividades para as áreas privilegiadas de atividade cognitiva e começar o processo de construção das redes neurais mais complexas que atuarão nas funções cognitivas superiores. Novas pesquisas em neurociências nos informam que as crianças, para nossa surpresa, mesmo as mais novas, já apresentam alguns conceitos e percepções que, antes, eram consideradas impensáveis, como conceitos de forma e textura, conceitos matemáticos e linguísticos (cf. Dahaene, 2022). Mas, isso não significa que seus cérebros estejam “terminados”. Essa construção demorará ainda alguns anos e se dará por aprendizado.



Após o nascimento, portanto, o cérebro ganhará massa, tanto branca quanto cinzenta, e começará um processo de desenvolvimento de ligações neurológicas mais complexas, ou seja, de construção de sinapses, que determinarão, entre outras coisas, os níveis de potencial cognitivo das crianças quando adultas.

O aprendizado da linguagem começa, na criança, antes mesmo do nascimento. Pesquisas recentes (cf. Dahan, 2022) mostram como recém-nascidos já respondem propiciamente à língua de suas mães, inclusive às melodias dessas línguas. Isso se dá uma vez que o aparelho auditivo da criança se desenvolve no útero, lá pelo sexto mês de gravidez, e a criança já começa a ouvir a voz da mãe mesmo em sua posição intrauterina. Ali no útero, a criança já começa a aprender a língua materna de sua mãe. Isso servirá, por exemplo, como um poderoso “calmante”, após o nascimento, mas já serve ao começo do aprendizado da melodia da língua materna, algo fundamental que acompanhará a criança por toda a vida (no Brasil costumamos chamar essa melodia, que nos acompanha quando falamos, de “sotaque”), bem como da formação de certos conjuntos sinápticos de que a criança necessitará logo ao nascer.

Assim que a criança nasce e começa a ouvir as pessoas ao seu redor a falarem uma língua natural, automaticamente, seu cérebro começa a *reciclar* (para usar o termo forjado por Dahan; cf. Dahan, 2022) seu conjunto inicial de sinapses na busca de aprender esse sistema linguístico em sua plenitude. Em outras palavras: só o ouvir uma língua natural, mesmo sem ter consciência de sua utilidade ou natureza, desperta automaticamente um processo de adaptação das redes pré-existentes e de construção de redes neurais funcionais-ativas na criança. Como consequência, as diversas áreas do cérebro começam a se interligar para dar ocasião ao aprendizado dessa língua. Então, o local prioritariamente destinado à motricidade começa a se interligar funcionalmente ao local prioritariamente destinado à audição e este ao da visão e este às bases de memória, enfim, tudo começa a se interligar e a se tornar funcional. O que, primeiramente, era *potencial*, agora vai se tornando *funcional*. Esse processo é desencadeado naturalmente tão logo a criança tome contato com um conjunto significativo de estímulos de ordem linguística e tenha condições de realizar todas essas intrincadas modificações biológicas que alteram as dimensões das sinapses.

Mas, voltando um passo atrás, na fase inicial, que vai do nascimento até por volta dos cinco anos e meio, é *absolutamente essencial que a criança receba estímulos orais simples e complexos em profusão*. É necessário que as pessoas que a criam conversem com ela constantemente, falem com ela olhando em seu rosto, para que ela veja os movimentos da boca

de quem fala, que a criança seja deixada falar, enfim, que haja um ambiente altamente estimulante da oralidade para a criança, especialmente por parte de adultos, uma vez que se compreende que a linguagem deles é mais complexa do que a de outras crianças de mesma idade. Se a criança só ouvir e só falar com outras crianças da mesma idade, será uma troca infinita de “gugu-dadá” que não ajudará muito no desenvolvimento das sinapses pelo aprendizado da língua materna.

Por isso, também, sempre que possível, é importante que a criança ouça estímulos orais mais complexos do que aqueles produzidos em nossa fala cotidiana como, por exemplo, estímulos advindos da leitura de textos escritos, de histórias escritas, porque esses textos apresentam, naturalmente, uma sintaxe bem mais complexa e intrincada do que a da nossa fala corriqueira. E, ainda, nesses textos escritos, se costuma encontrar vocabulário mais selecionado do que a fala do dia a dia. Ou seja, é extremamente importante que os estímulos linguísticos que a criança recebe diariamente sejam sempre mais e mais complexos, sempre constantes e, se possível, também oriundos de leitura de textos escritos.

Ao final, quanto mais exposição de qualidade à sua língua materna, mais complexas as redes sinápticas no cérebro da criança, e, portanto, mais ativação de seu potencial cognitivo. Uma criança silenciada nos primeiros anos de vida, caso esse silenciamento não seja revertido a tempo, estará destinada a uma vida de baixíssimo potencial cognitivo.

### 3.2.2. A LÍNGUA MATERNA E NOSSA IDENTIDADE

Construímos a nossa identidade por meio da língua, até por tudo o que vimos até agora na dimensão biológica. Mas, sendo a nossa língua materna a que mais nos influencia, por meio dela também adquirimos nossa visão inicial de mundo. Um exemplo claro disso é dado por meio do estudo de contatos linguísticos.

A língua *inuktitut*, dos inuítes do Alasca, não possuía palavra para “desistir” até o contato com a cultura branca. É fácil compreender: no Alasca, “desistir”, quase sempre, equivale a morrer. Por isso mesmo, eles usavam uma só palavra para o ato de desistir e a condição de morrer. Quando os brancos chegaram, introduziram na visão de mundo dessas pessoas a possibilidade de desistir sem que isso significasse a morte. Essa mudança cultural introduziu na língua deles uma palavra equivalente para “desistir”.

Por isso, quando uma língua é artificialmente modificada, perde-se a identidade do grupo social, total ou parcialmente. A cada época todo grupo social tem sua identidade. Essa

identidade é dada pelo que pensamos, pela forma como falamos, pela maneira como nos vestimos, pelo que comemos e fazemos etc. A nossa língua é a principal fonte pela qual exercitamos nossa cognição e pensamentos. Portanto, a nossa língua materna tem influência na nossa identidade.

Como já dissemos, o Brasil tem uma diversidade linguística enorme, logo, temos uma diversidade igualmente grande de identidades regionais e locais. Isso faz com que, toda vez que se tenta homogeneizar a linguagem nacional como se fosse uma só, se está tentando, na verdade, destruir identidades culturais e linguísticas que são a essência mesma de nosso país! E isso não seria bom nem para as pessoas nem para o Brasil.

## 4. O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

### 4.1 CONCEITO DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Marcos Bagno define “preconceito” como toda atitude que menospreza uma pessoa, antes mesmo conhecê-la. Isso se aplica, é claro, também ao preconceito linguístico, que é um julgamento de valor sobre a forma como as pessoas falam.

O preconceito linguístico no Brasil é mais notório no âmbito socioeconômico e regional. Sendo esse preconceito materializado por qualquer manifestação negativa de uma pessoa na forma de falar de outra, todo desrespeito às variedades linguísticas, um “pré-conceito” ou ainda um “pré-julgamento” sobre as variantes mais informais, regionais, consideradas culturalmente inferiores, entre outras. Assim, tais formas de preconceito são, como vimos, um desrespeito à constituição biológica humana baseada na língua materna. Ou seja, da mesma forma que a cor da pele é biologicamente definida, a forma de linguagem de uma pessoa também o é. Logo, o preconceito linguístico tem a mesma gravidade que o preconceito étnico, por exemplo.

Rotular goianos como caipiras, nordestinos como analfabetos ou ainda dizer que é no Maranhão que se fala “correto” são exemplos de preconceitos linguísticos existentes em nossa sociedade. Esse preconceito, normalmente, ocorre de classes econômicas elevadas para as classes mais pobres. Como diz Marcos Bagno em seu livro “Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro”: “O preconceito linguístico no Brasil se exerce em duas direções: de dentro da elite para fora dela, contra os que não pertencem às camadas sociais privilegiadas; e de dentro da elite para ao redor de si mesma, contra seus próprios membros.” (p.21)

O preconceito ocorre devido a essas classes julgarem o seu modo de falar mais “correto” que o do próximo ou ainda por mera aversão infantilizada a algum sotaque (como se tem aversão preconceituosa por cores de pele ou formatos corporais). Isso provavelmente resulta de uma idealização da língua prescrita nas gramáticas normativas, que dita uma gramática artificial e ultrapassada. Exemplos como rir de uma pessoa pelo sotaque, corrigir a fala de alguém, ter a norma culta como única e exclusiva forma de falar e escrever estão presentes em nossa sociedade, mesmo que as pessoas não tenham consciência de que estão praticando preconceito linguístico com o próximo.

Enfim, assim como as outras formas de preconceito, o linguístico não é formado por uma opinião balizada em algo racional ou em um conhecimento profundo da questão. É simplesmente a expressão de ignorância geral sobre o tema e de disposição estética para discriminar pessoas por suas peculiaridades. Mas, é também uma forma cruel de discriminação,

uma vez que, como vimos, não escolhemos nossa língua materna nem a forma como falamos nos primeiros anos de existência, formas essas que podem nos acompanhar por toda a vida da mesma maneira como a cor da pele pode fazê-lo.

#### 4.2 EFEITOS DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA VIDA DAS PESSOAS

Como o preconceito ocorre pela crença de que existe apenas uma maneira correta e bela de se falar (que, no caso do Brasil, seria o português imperial castiço), pessoas que não adquiriram a norma de prestígio na infância são taxadas como erradas (“pecadoras”) ou “burras”, são separadas na sociedade e, muitas vezes, impedidas de certas realizações cotidianas.

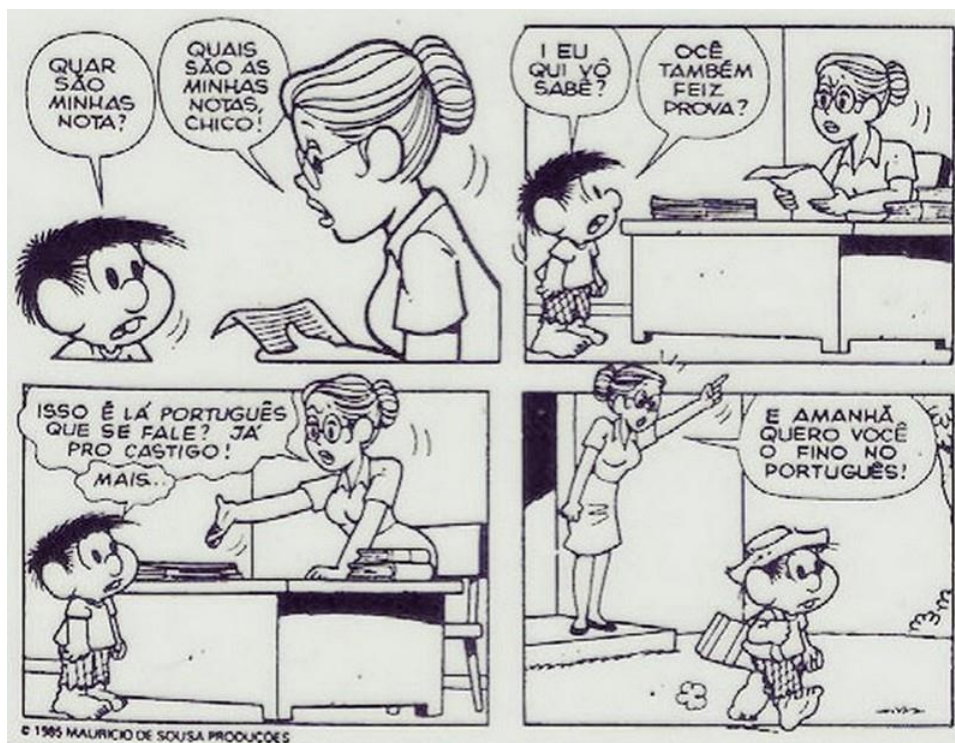
É claro que isso traz diversas consequências que prejudicam essas pessoas, como por exemplo, o medo de falar em público, de apresentar trabalhos escolares por temerem o que os outros irão falar, o medo de serem excluídas por seu sotaque ou por usar palavras diferentes das que o grupo social dominante utiliza ou atos mais concretos como a perda real de um emprego, a reprovação em uma seleção de trabalho ou até o desenvolvimento de doenças emocionais em função da condição discriminatória imposta a uma pessoa.

Tais problemas podem acarretar dificuldades em conseguir concluir a educação formal ou arrumar um necessário emprego, principalmente se for requisito de contrato uma apresentação oral ou a comunicação formal. Essa discriminação pode resultar em baixa autoestima pelo fato de que a pessoa acaba se achando realmente não inteligente e sempre errada por falar daquele modo – sem mesmo ter ideia adequada do que está acontecendo. Esse tipo de preconceito estabelece certos grupos como se fossem social e intelectualmente superiores a outros e isso não é apenas antidemocrático, mas é também criminoso à luz da própria Constituição da República.

#### 4.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO COMO MARCA DO COMPORTAMENTO BRASILEIRO

Infelizmente, o preconceito linguístico está presente na vida de muitos brasileiros. Quando discutimos sobre ser “bolacha” ou “biscoito”, sobre ser “aipim”, “mandioca” ou “macaxeira”, ou ainda se o pão é “francês”, “pão de sal” ou “cacetinho”, demonstramos estar preocupados com valores linguísticos como “certo” ou “errado”, “feio” ou “bonito”. Da mesma

forma, praticamos preconceito quando rimos de uma pessoa que fala “bicicreta” ou que “puxa o r” ao modo paulista-interiorano em “porta” ou “carta”. Oras, não é porque alguém fala de uma maneira que os outros todos estão errados ou são burros! O Brasil é amplo, a variedade linguística é ampla e há mais de uma maneira de nos comunicarmos. Vejamos a tirinha abaixo:



*Turma da Mônica, desenvolvida por Maurício de Souza.*

Podemos analisar esse exemplo. A professora coloca Chico de castigo por “não saber falar português”, embora tenha entendido exatamente o que ele disse em português. Podemos entender a comunicação de Chico perfeitamente, independente se ele usa ou não as concordâncias verbais e nominais da gramática normativa. Chico se comunica com a professora e isso é inegável. A professora, entretanto, tem certo preconceito linguístico com a variedade de fala de Chico Bento, que é de uma pessoa do interior de São Paulo, criado na roça, como sabemos pelas histórias da Turma da Mônica. Chico é castigado sem saber o porquê: na verdade, não faz sentido para ele que a variedade de português que ele fala não seja português, ou que seja ruim, pois é com ela que ele e sua família vivem e sobrevivem.

Percebemos, então, que o preconceito linguístico pode estar presente desde cedo em nossas vidas. E que, inclusive, ele pode ocorrer dentro da sala de aula, pois é onde a norma culta é mais empregada de maneira radical.

“Se Chico Bento passar a falar “segundo a norma culta”, ele simplesmente deixa de ser o Chico Bento! A graça do personagem está precisamente no seu linguajar, na sua visão de mundo característica da cultura rural.” (BAGNO, MARCOS. p.123)

O Brasil realmente é um país de muitas línguas, com diversas culturas e identidades. Observe-se a ilustração a seguir sobre algumas variedades linguísticas que encontramos ao redor dele:



Ilustração: Tawany Santos

Após vermos na ilustração acima, algumas das variedades linguísticas, podemos analisar a tirinha abaixo:



CEDRAZ, A. L. R. Xaxado ano 1. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2003, p. 38.

O primeiro garoto está representando um menino da cidade e o outro é Xaxado. Ele é neto de cangaceiro, e representa a vida no campo. O diálogo de ambos nos mostra as diferenças da vida na cidade e da vida no campo. Mas, independentemente disso, ambos têm seus conhecimentos e suas importâncias para a sociedade. Urtiga é uma planta silvestre brasileira que causa coceiras e vermelhidão na pele, podendo ter consequências muito graves em pessoas alérgicas. Imagine-se que não reconhecer qual planta pode causar acidentes muito graves. Já, ao não conhecer certos eletrodomésticos, a vida no campo pode se tornar um pouco mais trabalhosa. Ou seja, o conhecimento de ambos os personagens é importante em diferentes situações da existência. O correto seria que um aprendesse com o outro e não que um se considerasse superior ao outro.

Portanto, a tirinha nos mostra uma variação cultural que se adequa a situação de comunicação, reconhecendo assim que cada pessoa possui um modo de falar e que, dependendo do lugar onde se vive, as escolhas de linguagem são diferentes, porque ligadas a conhecimento prévio do falante.



Nesta tirinha de Fernando Gonsales, podemos observar uma mulher que não está satisfeita com a variedade linguística falada pelo papagaio e opta em devolvê-lo. Qual pode ser o pensamento da mulher perante a situação? Talvez ela não queira que associem a linguagem da ave com ela ou com sua família, disseminando assim um preconceito linguístico pela língua falada de outro indivíduo. Outro ponto a se notar é que a variante do papagaio é representada por sua “língua materna”, aquela que ele aprendeu com o sujeito que o criou e a qual aprendemos, como seres humanos, desde pequenos também por um processo de imitação de nossos pais e das pessoas próximas a nós na primeira infância. Ao observar a tirinha, percebe-



se que o antigo dono do papagaio tem a mesma variedade linguística que o animal. Gonsales nos mostrou, com essa tira, que pessoas aprendem linguagem com pessoas, assim como o papagaio o fez. Ao discriminar a linguagem do papagaio, a mulher da tirinha discriminou a linguagem do criador da ave. Além disso, ela demonstrou que não queria ser associada a esse tipo de fala, o que é uma manifestação concreta de preconceito. Logo, a importância de respeitarmos as peculiaridades humanas e de não disseminarmos o preconceito linguístico é fundamental em ambientes sociais complexos pois permite que as diferentes pessoas, de diferentes origens, não sejam tolhidas em seu potencial e em seus relacionamentos sociais.

## 5. O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR

### 5.1 AS LEIS EDUCACIONAIS E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo, norteando o currículo e as propostas pedagógicas das redes de ensino, estabelecendo competências, habilidades e conhecimentos que se espera do estudante. Ela se divide em cinco partes: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Sociais e Ensino Religioso. O componente de Língua Portuguesa está em “Linguagens”.

Na BNCC, encontramos algumas habilidades destinadas ao componente de Língua Portuguesa e, dentre elas, destaquei três habilidades sobre a variação linguística:

(EM13LP09). Comparar o tratamento dado pela gramática tradicional e pelas gramáticas de uso contemporâneas em relação a diferentes tópicos gramaticais, de forma a perceber as diferenças de abordagem e o fenômeno da variação linguística e analisar motivações que levam ao predomínio do ensino da norma-padrão na escola (BRASIL, 2018, p. 507).

(EM13LP10) Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos (BRASIL, 2018, p. 508).

(EM13LP16) produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.) (BRASIL, 2018, p. 509).

Essas três habilidades fazem parte da competência específica número 4 que determina a necessidade de se:

“Compreender as línguas como fenômeno (geo) político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.”

Na habilidade EM13LP09, o intuito da comparação é que o aluno desmitifique a língua como algo único e concreto, fazendo assim, com que compreenda a variação linguística e o uso predominante da Gramática Normativa na escola.

Já na habilidade EM13LP10, se procura que o aluno contemple todos os tipos de variações linguísticas e os fatores extralinguísticos que influenciam nessas variações em seu aprendizado.

E, por último, a habilidade EM13LP16 procura que o aluno compreenda os contextos comunicativos e saiba se adequar quanto à variedade e ao ambiente.

Duas outras habilidades podem ser destacadas aqui e mostram o quando a BNCC se preocupa em que os alunos compreendam as diferentes variedades linguísticas e respeite-as, sem preconceito linguístico.

EF35LP11. Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguístico. (BRASIL, 2017, p. 87).

(EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico. (BRASIL, 2017, p. 486).

Essa habilidade acima está se referindo a adequação da variação linguísticas a diversos tipos de comunicação, assim como cita Marcos Bagno:

É totalmente inadequado, por exemplo, fazer uma palestra num congresso científico usando gíria, expressões regionais, palavrões etc. Também não é adequado que um agrônomo se dirija a um lavrador analfabeto usando uma linguagem altamente técnica, a menos que queira não ser entendido. Como sempre, tudo vai depender de quem diz o quê, a quem, como, quando, onde e por quê...

Por isso, podemos voltar à metáfora de a nossa língua ser um “grande guarda roupa” de onde tiramos um terno para ir a um casamento e uma sunga para ir à praia.

## 5.2 A OCORRÊNCIA DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS ESCOLAS E A NECESSIDADE DE COMBATÊ-LO

O ensino da norma padrão é massivamente apresentado pelos professores nas escolas regulares. Os alunos devem, sim, saber a norma culta para conseguir se adequar a certos tipos de comunicação formal e, até, para poderem se defender em alguns ambientes. Por exemplo, quando uma pessoa nascida e criada em uma capital do Sudeste viaja para o interior do Nordeste, o mais provável é que ela não irá conhecer todas suas variantes e gírias, da mesma

forma que os habitantes desta região não entenderão a sua. A menos que ambos dominem alguma forma comum de língua de prestígio, será necessário que essas pessoas aprendam umas com as outras nas interações verbais – e não há nada de errado nisso. Mas, se pensamos em algo mais formal, como, por exemplo, uma entrevista de emprego ou uma palestra, é possível que a variante de prestígio seja exigida. Em todos os casos, é dever da escola preparar os alunos para essas diferentes formas de interação.

Entretanto, o que nos parece mais problemático na educação básica brasileira é que, a despeito de toda legislação e instruções curriculares, os professores esquecem de informar esses “detalhes” aos alunos. E colocam a norma padrão como a única e exclusiva forma de falar. Professores que corrigem a maneira com que o aluno fala com seu colega, pedindo para que sejam mais formais, por exemplo, estão, na prática, discriminando a variante do aluno, a menos que se esteja realizando um treinamento da variante de prestígio. Podemos, então, perceber um preconceito linguístico enraizado e que, algumas vezes, parte do próprio professor dentro da sala de aula. Como os alunos reproduzem, na maior parte do tempo, a variante linguística que aprenderam em casa, dizer que seu linguajar está errado fere toda a estrutura de aprendizado da língua materna e de um conhecimento prévio construído no ambiente social do estudante. Isso faz com que ele se sinta “burro” e, também, faz com que os outros alunos disseminem esse preconceito linguístico com seus colegas.

Observe-se a tirinha abaixo - o português acaba realmente se tornando um “monstro” devido a toda essa pressão sobre o aluno:



[https://miro.medium.com/max/622/0\\*quAruMtMy-d2dta5.jpg](https://miro.medium.com/max/622/0*quAruMtMy-d2dta5.jpg)

Será mesmo que ao estar numa situação de “perigo” iremos lembrar que nunca se começa uma frase com o pronome oblíquo? Ou só estaremos preocupados em como fugir da

situação? Pois bem, é isso que os alunos fazem, fogem da situação, não conversam, não falam, não escrevem e, assim, não poderão “errar”.

Precisamos pensar mais sobre se é isso que queremos para o futuro de nossas crianças e adolescentes? Pessoas inseguras, sem voz, sem autonomia, que não agem por medo de errar? Não é isso? Então, devemos entender a necessidade de combater o preconceito linguístico em sala de aula.

Bagno afirma, em seu livro “Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro” que:

O brasileiro talvez seja o único povo do mundo que precisa aprender uma infinidade de regras para um-dia-quem-sabe empregar “corretamente” os pronomes oblíquos. Algo que deveria ser absolutamente simples, natural, se transformou, por força da paranoia gramatiquera que impera na nossa cultura, em fonte de insegurança, incerteza. ” (BAGNO, 2020, p.95)

Será de suma importância saber o emprego definido pela variante de prestígio como se fosse correto para todas as palavras, em todos os tipos de comunicações que temos ao longo do dia ou da vida? Assim como o autor afirma, isso foi imposto pela sociedade e algo que era para fluir, para ser simples, se torna um “monstro”. Bortoni-Ricardo afirma, a respeito disso, que

A instituição escolar não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Alguns conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas reações dependem das circunstâncias que cercam a interação. Os alunos que chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender variantes do prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante. Essas questões linguísticas educacionais têm de ser mais discutidas e a sua importância para a implantação de um estado democrático, redimensionada. (BORTONI-RICARDO, 2005, pp. 15-16)

### 5.3 PREJUÍZOS DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ESCOLA

Quais as consequências do preconceito linguístico na vida do aluno? Muitos! O preconceito linguístico traz diversas consequências negativas na vida de qualquer pessoa. Afeta desde sua autoestima e, conseqüentemente, seus relacionamentos sociais, até o ingresso no

mercado de trabalho. Dentro da sala de aula o aluno sofre exclusão social, se afasta de colegas e amigos pelo seu modo de falar e isso acarreta prejuízos no seu desenvolvimento na educação, afetando seu desempenho escolar. Essa discriminação pode fazer com que tenha dificuldade em compreender e focar no conteúdo na sala de aula, principalmente quando o preconceito linguístico parte do professor.

Outro ponto a ser levado em consideração é a saúde mental-emocional desse aluno. Pessoas que sofrem preconceito linguístico tendem a se acharem inferiores e inadequadas, se afastando das demais e buscando isolamento social. Isso sempre tem consequências na construção da autoestima das pessoas, podendo causar quadros de ansiedade e de depressão. Não raro, o aluno perde a vontade de aprender e para de acreditar que ele é capaz de fazer isso, consolidando-se um caso de evasão escolar.

Queremos construir uma sociedade tolerante, que valorize a diversidade, uma sociedade em que diferença de sexo, cor de pele, de opção religiosa, de idade, de condições físicas, de orientação sexual não sejam usadas como fator de discriminação e perseguição, temos que exigir também que as diferenças nos comportamentos linguísticos sejam respeitadas e valorizadas. (BAGNO, 2020, p.28).

Realmente, é esse tipo de sociedade que deveríamos visar para o futuro, sem preconceitos, sem discriminação, seja lá qual for a causa, em que nossa constituição integral seja respeitada e valorizada desde que não fira a lei.

Bagno ainda afirma que o preconceito linguístico é uma forma de “hipocrisia inconsciente”. Ele diz que “é quase uma fatalidade: as pessoas que costumam se queixar dos maus-tratos feitos à língua também costumam, logo a seguir, incorrer elas mesmas nos supostos erros que detectam na fala ou na escrita dos outros. (p.178). Ou seja, ao apontar o “erro” na fala dos outros, ao acreditar que só há uma maneira de dizer algo, deixam de perceber que elas mesmas usufruem de uma língua que é múltipla, ampla e diversa.

Por tudo isso, Bagno afirma que:

“Os alunos não se sentir muito mais estimulados a estudar a sua língua, quando for realmente a sua língua, a língua deles, e não um português mítico que eles não reconhecem como seu idioma materno e só pode lhes causar repulsa e rejeição!” (BAGNO, 2020, p.212).

#### 5.4 O COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM AMBIENTE ESCOLAR

O professor e a escola devem servir de mediadores entre os alunos e o conhecimento. Isso implica, entre outras coisas, orientar as formas de comunicação dos alunos. O professor, como responsável, pode apresentar a pluralidade e a diversidade da língua, mostrar, também,

as diferentes culturas existentes em nosso país. Pode mostrar a importância da variedade e como ela ocorre, demonstrar que a norma padrão aprendida na escola não é única e exclusiva, assim como Bagno diz:

Recorrer a uma suposta lógica para impor suas prescrições como as únicas corretas. O problema dessa atitude é que ela ignora uma coisa elementar: o cérebro humano não é uma calculadora nem um computador – nossos processos cognitivos são extremamente complexos e não podem ser reduzidos a fórmulas rígidas e frias. (BAGNO, 2020, p.303).

Logo, é dever da escola e dos professores não deixarem o aluno acreditar nessas imposições ideológico-culturais, pois o processo cognitivo que dirige nossas vidas é muito mais que uma regra que deve ser decorada.

E por que tratar de todo esse assunto em sala de aula? Pois, o professor tem contato direto com os alunos e é uma figura de respeito em sala (ou, pretende-se que seja...), figura que, quase tudo que diz, torna em uma verdade. Em uma sala de aula funcional, o papel do professor é fundamental para que não haja preconceitos linguísticos e não se dissemine que a língua é “homogênea”. Afinal, é o professor quem mais poderá criar ambientes propícios para que os alunos se expressem e tirem suas dúvidas diante de tal assunto.

Para auxiliar nos trabalhos de sala, vídeos (sejam filmes ou vídeos curtos), tirinhas, áudios de Internet e outros materiais que enfocam hoje a questão da pluralidade linguística brasileira, são uma ótima maneira de apresentar aos alunos a variedade e como ela ocorre. “Meu pé de laranja lima” é um bom exemplo de material útil para aplicação pedagógica. Porém, felizmente, a lista de materiais dessa qualidade é quase infinita.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua materna, como já mencionado, é importante para dois processos biológicos que marcam a vida do falante. São eles: 1. a criação das redes neurológicas de base, por meio do qual o aprendizado da língua materna cria ligações entre neurônios nos dois hemisférios cerebrais, permitindo assim o aprendizado; e 2. a conformação do aparelho fonador, processo pelo qual esse aparelho memorizará, por meio da articulação dos sons da língua materna, os movimentos necessários para reproduzi-la.

Relembramos, também, que a língua materna cria raízes e cultura. Por meio dela, aprendemos a ver o mundo e a nos comunicar. Essa língua materna está presente na vida do indivíduo desde o dia em que ele nasce e isso acarreta construções em sua identidade cultural. A nossa língua é a principal fonte para exercitar a cognição e os pensamentos.

Por outro lado, vimos que *preconceito* é toda ação que rotula, que anula e menospreza uma pessoa sem bases factuais para isso. Preconceito linguístico é exatamente isso, quando se julga o falar de outras pessoas sem conhecer as causas desse falar. Quando se determina que há apenas uma maneira correta de se falar, se está cometendo um preconceito linguístico. Debochar, caçoar e corrigir publicamente a fala de alguém são manifestações desse preconceito.

Os principais problemas desse preconceito na vida das pessoas estão vinculados à geração de insegurança, medo de falar em público, de exclusão social, e de consequências sociais como a perda de um emprego, a reprovação em uma entrevista de trabalho ou estudo e o desenvolvimento de doenças emocionais ligadas à baixa autoestima.

Portanto, é necessário lembrar a importância da escola e do professor no combate ao preconceito linguístico. Esses devem servir de mediadores entre o aluno e o conhecimento, orientando as formas de comunicação do aluno. Ao apresentar a diversidade que ocorre em nosso país, não deixando que os alunos criem nas imposições ideológico-culturais para a fala, a escola pode minimizar ocorrências de preconceito linguístico. O professor é peça chave para que não se dissemine que a língua falada é homogênea, apresentando assim materiais de melhor qualidade sobre o tema na aplicação pedagógica.

Ainda, podemos melhorar a formação dos professores, para que assim ajudem no combate ao preconceito linguístico. Mas, como? Bom, a formação continuada do professor é muito importante e isso pode acontecer investindo em cursos presenciais ou a distância ou, ainda, em *workshops*, que são cursos de menor duração. Podem-se promover palestras entre os professores e compartilhar, assim, conhecimentos, o que seria uma ótima maneira de abordar



os problemas assim enfrentados no dia a dia e de propor até soluções cabíveis. A formação continuada traz diversos benefícios, como aumento da motivação, o compartilhamento de ideias, a atualização teórica dos professores. Tudo isso pode ajudar atualizar o conteúdo e as formas de ensino e aumentar do nível do trabalho pedagógico.

Finalmente, compreendemos que não é suficiente que o governo coloque esse tema do preconceito linguístico nas leis e na BNCC. É necessário que haja campanhas educativas e políticas públicas que garantam às pessoas o direito à diversidade linguística. É importante tornar a discussão sobre a língua uma prática diária, bem como o compartilhamento de ideias e a reflexão sobre a pluralidade da língua. O domínio da norma padrão está ligado diretamente ao status social do indivíduo e abordar esse assunto, garantindo a diversidade, é de extrema importância para uma sociedade mais democrática e menos discriminatória.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia de variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, 238p.

\_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Não é errado falar assim**: em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2020. 318p.

\_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: edições Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.

CEDRAZ, A. L. R. **Xaxado** ano 1. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2003, p. 38.

CD-ROM. HUBER, J. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,. 1986. [1.ed. alemã: 1933].

CHOMSKY, Noam. Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas. Brasília, 1998.

DAHAEENE, S. **É assim que aprendemos**: Porque o cérebro funciona melhor do que a máquina (ainda...). São Paulo: Editora Contexto, 2022.

FERRAREZI Jr., C. **Introdução à Semântica de Contextos e Cenários**: de la langue à la vie. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

GONSALES, Fernando. **Níquel Náusea**: com mil demônios!! São Paulo: Devir, 2002. In Português\_ Contexto, Interlocução e Sentido. Maria Luiza M. Abaurre e outras. Ed. Moderna

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo- Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** - IPHAN.

“Dia internacional da língua materna.” UNESCO. 1991. Disponível em: <<https://www.unesco.org/pt/days/mother-language>> Acesso em: 10/08/2023.